

# Línguas Africanas no Português Brasileiro<sup>1</sup>

Calundu – Grupo de Estudos sobre Religiões Afro-brasileiras<sup>2</sup>

A história contemporânea do Brasil ainda é repleta de marcas da escravidão. Primeiro, grande parte dos povos indígenas que aqui já habitavam foi extinta pelo contato e/ou pelo ordenamento colonial/escravocrata português, ou foi afugentada para regiões remotas onde conseguiu se manter, por alguns séculos, longe da exploração sistematizada. Em seguida, durante quatro séculos, milhões de africanos foram trazidos em cativeiro para serem explorados em um regime de escravização.

Número de escravos entrados no Brasil  
(avaliação baseada em estatísticas aduaneiras subsistentes)

	Regiões	Entradas anuais	Total ânuo	Total da importação
Século XVI	Todo o Brasil . . .	.....	.....	30.000
Século XVII	Brasil holandês . . .	3.000		
	Brasil português . .	5.000	8.000	800.000
Século XVIII	Pará. . . . .	600		
	Recife . . . . .	5.000		
	Baía . . . . .	8.000	25.000	2.500.000
	Rio . . . . .	12.000		
Século XIX (até 1830)	Rio . . . . .	20.000		
	Todo o Brasil . . .	.....	50.000	1.500.000
Durante o tráfico . . . . .				4.830.000

Fonte: Mendonça, 1935, p.71.

<sup>1</sup> Este texto foi atualizado a partir de sua versão original publicada na *Revista Calundu*, volume 3, número 1: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v3i1.25243>.

<sup>2</sup> Fazem parte do Calundu e participaram da escrita coletiva deste texto, em ordem alfabética: Adélia Regina da Silva Mathias, Aisha Angele Leandro Diéne, Andréa Letícia Carvalho Guimarães, Ariadne Moreira Basílio, Clara Jane Costa Adad, Danielle de Cássia Afonso Ramos, Francisco Phelipe Cunha Paz, Gerlaine Torres Martini, Guilherme Dantas Nogueira, Hans Carrillo Guach, Iyaromi Feitosa Ahualli, Luís Augusto Ferreira Saraiva, Nathalia Vince Esgalha Fernandes, Tania Mara Campos de Almeida.

Inicialmente, foram traficados africanos do mesmo tronco linguístico, generalizado pelos colonizadores também como grupo étnico – os bantos. Estes foram distribuídos pelos estados do Rio de Janeiro e Pernambuco. Posteriormente, os africanos da região sudanesa (que corresponde à atual região que se estende do Senegal à Nigéria) chegaram, sobretudo, à Bahia.



Ilustração 1 – Mapa do tráfico transatlântico de africanos escravizados para o Brasil

Fonte: Silva (2014)<sup>3</sup>

É importante salientar que o processo de colonização brasileira foi um sistema bem arquitetado. Escravizados eram enviados para lida nas plantações de cana de açúcar, café ou cacau, trabalhos no engenho ou na casa grande, de acordo com a fama que sua etnia tinha ainda no continente africano, uma vez que o tráfico negreiro na África já apresentava um nível de sofisticação bastante complexo séculos antes da chegada portuguesa<sup>4</sup>. Outra prática comum para enfraquecer os laços familiares, culturais e consequentemente identitários – elementos à época considerados como facilitadores para a articulação de uma forte e coesa resistência africana – consistia em separar povos provenientes da mesma região, o que por sua vez dificultava a comunicação entre diferentes etnias. Ainda assim, a influência das línguas bantas foi considerada proeminente.

Nesse processo, o negro banto, pela antiguidade, volume populacional e amplitude territorial alcançada pela sua presença no Brasil colônia,[...] adquiriu

<sup>3</sup> Disponível em: <https://blogdojuarezsilva.wordpress.com/tag/banto>. Acesso em 15 de junho 2018.

<sup>4</sup> N'DIAYE, Tidiane, 2019.

o português como segunda língua, tornando-se o principal agente transformador da língua portuguesa em sua modalidade brasileira e seu difusor pelo território brasileiro sob regime colonial e escravista. [...] Ao encontro dessa matriz já estabelecida, assentaram-se os aportes do *ewe-fon* e do iorubá, menos extensos e mais localizados, embora igualmente significativos para o processo de síntese pluricultural brasileira, sobretudo no domínio da religião. (CASTRO, 2005, p.8)

Mas o que o tráfico de africanos escravizados tem a ver com o português brasileiro? Tudo! É também (embora não exclusivamente) por causa desse processo histórico que o português brasileiro é tão diferente do português europeu.

### Você sabia?!<sup>5</sup>

"A região banto compreende um grupo de 300 línguas muito semelhantes, faladas em 21 países: Camarões, Chade, República Centro-Africana, Guiné Equatorial, Gabão, Angola, Namíbia, República Popular do Congo (Congo-Brazzaville), República Democrática do Congo (RDC ou Congo-Kinshasa), Burundi, Ruanda, Uganda, Tanzânia, Quênia, Malawi, Zâmbia, Zimbábue, Botsuana, Lesoto, Moçambique, África do Sul".

"Das línguas oeste-africanas, chamadas de sudanesas, as mais importantes foram as línguas da família *kwa*, faladas no Golfo do Benin. Seus principais representantes no Brasil foram os iorubás e os povos de línguas do grupo *ewe-fon* que foram apelidados pelo tráfico de *minas* ou *jejes*. O iorubá é uma língua única, constituída por um grupo de falares regionais concentrados no sudoeste da Nigéria (*ijexá*, *oió*, *ifé*, *ondô*, etc.) e no antigo Reino de Queto (*Ketu*), hoje no Benim, onde é chamada de *nagô*, denominação pela qual os iorubás ficaram tradicionalmente conhecidos no Brasil. Já o *ewe-fon* é um conjunto de línguas (*mina*, *ewe*, *gun*, *fon*, *mahi*) muito parecidas e faladas em territórios de Gana, Togo e Benim. Entre elas a língua *fon*, numericamente majoritária na região, é falada pelos fons ou daomeanos, concentrados geograficamente no planalto central de Abomé, capital do antigo Reino do Daomé, no Benim atual".

Infelizmente, a invisibilidade das contribuições dos povos africanos no português brasileiro é causada principalmente pelo preconceito racial, e por isso nas escolas, até hoje, são poucos os livros didáticos que abordam o racismo como o mais importante fator para desconhecermos tanto sobre a origem e a formação de palavras.

<sup>5</sup> CASTRO, 2005, p. 3.

Os pioneiros a considerar a importância das línguas africanas no português do Brasil foram Renato Firmino Maia de Mendonça, com “A Influência Africana no Português do Brasil”, publicada sucessivamente em 1933, 1935, 1948 e republicada em 1972 e 1973; e Jacques Raimundo que, em 1933, divulgou “O Elemento Afro-Negro na Língua Portuguesa”. Lélia Gonzales (1988, p.70), quando escreveu “A Categoria Político-Cultural de *Amefricanidade*”, cunhou o termo pretoguês para nominar “a marca de africanização do português falado no Brasil (nunca esquecendo que o colonizador chamava os escravos africanos de 'pretos'e de 'crioulos' os nascidos no Brasil)”.

Yeda Castro (2005, p.8) em “A Influência das Línguas Africanas no Português Brasileiro” salienta a relevância do contato direto e permanente entre africanos e a língua brasileira: "Português do Brasil, naquilo em que ele se afastou do português de Portugal, descontada a matriz indígena menos extensa e mais localizada, é, em grande parte, o resultado de um movimento implícito de africanização do português".

Maria do Socorro S. de Aragão (2011) em “Africanismos no Português do Brasil” destaca a influência dos contextos socioculturais (valores, costumes, tradições, religião) na língua.

Não se pode estudar a língua sem relacioná-la com a sociedade e a cultura nas quais o falante está inserido. No caso dos africanismos incorporados à língua portuguesa do Brasil, os costumes, as tradições, as comidas, as músicas trazidas pelos negros escravos foram determinantes não apenas no aspecto léxico, mas também no aspecto fonético-fonológico. (ARAGÃO, 2011, p.9).

Marcos Bagno (2016) se manifestou sobre o tema em “O Impacto das Línguas Bantas na Formação do Português Brasileiro”, atribuindo ao racismo a demora pelo reconhecimento das contribuições africanas ao idioma nacional.

Durante muitas e muitas décadas, o impacto dos falantes de origem africana sobre a formação do português brasileiro foi ou simplesmente negado ou reduzido a aspectos caricaturais, como as recorrentes listas de palavras de origem africana introduzidas na nossa língua. Só muito recentemente, menos de trinta anos na verdade, é que um novo impulso de pesquisa tem lançado luzes cada vez mais fortes sobre o que podemos agora chamar sem rodeios de origens africanas do português brasileiro ou, como sugere o título de um livro importante sobre o assunto, o português afro-brasileiro (Lucchesi, Baxter e Ribeiro, 2009). Cada vez mais autores reconhecem que as diferenças marcantes entre o português brasileiro e a língua da qual ele se originou – o português europeu em sua fase de transição do período medieval para o moderno – se devem primordialmente ao multilinguismo que caracterizou a história do Brasil na

maior parte do período colonial. A dispersão pelo território brasileiro de milhões de negros escravizados, falantes de muitas línguas diferentes, não pode ter deixado de incidir fortemente sobre o desenvolvimento do português brasileiro. (BAGNO, 2016, p.20)

De acordo com Castro (op. cit., p.8), é provável que a interação lingüística tivesse sido viabilizada “pela proximidade relativa da estrutura linguística do português europeu antigo e regional com as línguas negro-africanas”. Dentre elas a presença das “vogais orais (a, e, ê, é, i, o, u) e a estrutura silábica ideal (CV.CV) (consoante vogal. consoante vogal)”. Outra contribuição marcante é na fonologia (pronúncia).

A tendência do falante brasileiro em omitir as consoantes finais das palavras ou transformá-las em vogais, (falá, dizê, Brasiu), coincide com a estrutura silábica das palavras em banto e em iorubá, que nunca terminam em consoante. Ainda de acordo com a estrutura silábica dessas línguas, onde não existem encontros consonantais, como ocorre em português, também se observa, na linguagem popular brasileira, a tendência de desfazer esse tipo de encontro, seja na mesma sílaba ou em sílabas contíguas, pela intromissão de uma vogal entre elas, que termina por produzir outra sílaba, a exemplo de 'saravá para salvar e fulô para flor'. (CASTRO, 2005, p.10-11)

Vale destacar que as palavras de origem africana situam-se principalmente na língua falada. Isso não significa que tenham menor valor, e sim, mostra que o uso dessas palavras voltou-se para as comunicações da oralidade – o tipo de manifestação que a tutela branca colonizadora não conseguiu conter, ainda que na língua escrita tenham logrado relativo êxito, e o estudo de línguas explica esse fenômeno. Toda língua tem a existência de forças: uma que a move para uma mudança mais rápida das palavras (força centrífuga) exercida, sobretudo, pela fala e que amplia o leque vocabular, outra a força a se manter estática (força centrípeta) exercida pela língua escrita normatizadora. A língua falada é mais espontânea e por isso de difícil controle, escapa às normas de monitoração. Em contrapartida, a língua escrita é altamente monitorada, pode ser reescrita e por isso é utilizada também como um poder conservador<sup>6</sup>.

Desse modo fica mais fácil compreender o português brasileiro, que muitas vezes parece duas línguas completamente diferentes. A oralidade, que há milênios é uma tradição das culturas africanas e de suas descendentes da diáspora, encontrou barreira para penetrar na escrita, tradição, sobretudo, europeia vinda com os colonizadores portugueses. Como a

---

<sup>6</sup> BAKHTIN, 1989.

educação formal dos negros brasileiros também se deu tarde, podemos ver o complexo processo de história da língua portuguesa tomando forma. A língua falada pelos negros africanos e seus descendentes não estava nas escolas e no currículo formal, mas era com as amas de leite e os escravizados que os filhos dos senhores aprendiam o português enquanto língua materna. Não por acaso, palavras como camundongo, caxumba, cajuné, dengo, paparicar, cachaça, moqueca, fuzuê, mano e catinga, existem há vários séculos, e não desapareceram do português brasileiro, embora estejam em ocorrência muito menor na escrita.

Em algumas comunidades negras rurais e urbanas, como Cafundó (São Paulo), Tabatinga (Minas Gerais) e Gurutuba (Minas Gerais), que se diferenciam por uma série de fatores sócio-históricos, políticos e geográficos, entre eles o isolamento territorial, é possível perceber fortes influências africanas no português brasileiro e que ajudam a suplantar de vez a ideia de uma língua uniforme e conservadora. São comunidades de falantes que possuem traços linguísticos específicos que as caracterizam como língua local, isto é, ilhas linguísticas<sup>7</sup>, que propiciam o conhecimento da história social dos seus falantes e da própria língua. O Cupópia na comunidade quilombola do Cafundó/SP, a Gíria de Tabatinga em Bom Despacho/MG e o Português Gurutubano na comunidade quilombola dos Gurutubanos/MG, são exemplos de tipos de português com demarcadores de fortes influências africanas. Isto é, um português afro-brasileiro, em que também é possível perceber características, heranças e traços indígenas e do português lusitano. Mesmo não sendo possível informar esses percentuais, é inegável a presença desses três demarcadores, e principalmente as marcas linguísticas de africanidade, o que reforça a ideia de uma língua minoritária como língua de contato, de base africana, reconhecida por sua riqueza, função histórica e legitimidade<sup>8</sup>.

Ainda que não seja possível refazer a perspectiva escravizada negra nos mesmos moldes em que foi elaborada a perspectiva branca senhorial, aprender com lacunas/fissuras de um sistema já estabelecido, como acontece com a aprendizagem da formação de palavras brasileiras de origem africana, mostra que nem o maior esforço, a maior monitoração e o maior poder subjugador é capaz de silenciar completamente outras possibilidades de ver o

---

<sup>7</sup> Comunidade linguística que se desenvolve como resultado de uma interrupção ou problemas de assimilação cultural linguística.

<sup>8</sup> Essa variedade dialetal falada em comunidades negras afro-brasileiras é designada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) por meio do Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística no Brasil (GTDL) como *línguas de comunidades afro-brasileiras*.

mundo, de experienciá-lo, de produzir discurso e saberes distintos. Até a língua culta conservadora brasileira carrega em sua construção histórica contribuições de línguas africanas, que são importantes para língua enquanto ciência a ser estudada, mas são muito mais importantes na formação de uma identidade nacional múltipla e definitivamente influenciada por línguas dos povos negros africanos.

## Bibliografia

ARAGÃO, Maria do Socorro S. "Africanismos no Português do Brasil". *Revista de Letras* (Fortaleza), v.30, p. 07-16, 2011.

BAGNO, Marcos. "O impacto das línguas bantas na formação do português brasileiro". *Cadernos de Literatura em Tradução*, Brasil, n. 16, maio 2016. ISSN 2359-5388. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/115266>. Acesso em: 15 junho 2018.

BAKHTIN, Mikhail. "Toward a Reworking of the Dostoevsky Book". In: *Problems of the Dostoevsky's poetics*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1989.

BARROS, Rachel R. de A.; CAVALCANTI, B. C. "O lugar social das palavras africanas no português do Brasil". In: BARROS, Rachel R. de A.; CAVALCANTI, B. C.; FERNANDES, Clara S. (Org.). *Kulé Kulé - Visibilidades negras*. 1<sup>a</sup> ed. Maceió: EDUFAL, 2006, p. 9-13.

CASTRO, Yeda Pessoa. *A influência das línguas africanas no português brasileiro*. In: Secretaria Municipal de Educação - Prefeitura da Cidade de Salvador (org.). Salvador: Secretaria Municipal de Educação, 2005.

GONZALEZ, Lélia. "A categoria político-cultural de *amefrikanidade*". In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, n. 92/93(jan/jun), p. 69-82, 1988.

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora Nacional, 1935. Disponível em:

<http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/314/a-influencia-africana-no-portugues-do-brasil>. Acesso em: 18 de junho de 2018.

N'DIAYE, Tidiane. *O genocídio ocultado*. Tradução Tiago Marques. Lisboa: Editora Gradativa. 2019.